
UMA CONTRIBUIÇÃO
TEÓRICA PARA O
TURISMO CULTURAL

ELIANE LOPES BRENNER*

*Através da interpretação, a
compreensão, através da
compreensão, a apreciação, através
da apreciação, a proteção.*

(FreemanTilden)

*Resumo: a singularidade dos espaços naturais e as diferenças culturais
marcadas pelo patrimônio edificam os pilares do turismo cultural. O turismo
cultural tanto reafirma identidades locais como impulsiona a evolução do
sistema cultural local. O desenvolvimento turístico deve ser norteado pelos
princípios da sustentabilidade ambiental e social para garantir a preservação
e a apropriação dos bens patrimoniais pela comunidade.*

*Palavras-chave: turismo cultural, cultura, patrimônio cultural,
sustentabilidade*

O RENASCIMENTO DO TURISMO CULTURAL

361 **S**egundo Mc Intosh *et alli* (1999), o turismo cultural cobre todos os aspectos da viagem mediante o qual as pessoas aprendem sobre costumes e idiossincrasias de cada um. Os meios pelos quais um país se apresenta a si mesmo e aos turistas são considerados fatores culturais. Estes são os entretenimentos, a gastronomia, a hospitalidade, os produtos manufaturados

e o artesanato, além de todas as características de seu estilo de vida. Azevedo (2002a) destaca que as características marcadamente distintas do turismo cultural se referem especialmente à busca do conhecimento e a uma oferta independente das estações do ano e das configurações do território.

A autora continua afirmando que

[...] O turismo cultural desponta fortalecido como uma das vertentes mais significativas da dimensão cultural do desenvolvimento: pela riqueza de variantes que comporta; pelas interfaces que motiva; pelos desdobramentos que pode estimular; pelos efeitos possíveis na construção da cidadania; pela valorização da alteridade, isto é, a compreensão da existência de outros patrimônios e ações culturais que, assim como os nossos, merecem respeito. Também pelo retorno econômico que propicia e, sobretudo, pelo compromisso que assume com as gerações futuras (AZEVEDO, 2002a, p. 33).

O perfil da clientela do turismo cultural está se ampliando e alterando sua configuração, com a incorporação de segmentos de diferentes idades, interesses e modelos de comportamento. Conseqüentemente, observa-se que a oferta de equipamentos e serviços culturais vem se intensificando e diversificando tanto do ponto de vista espacial e temporal, quanto de conteúdo. Entretanto, ressaltamos que, nesta época de crescente uniformidade, os produtos de uma localidade são quase indistintos uns dos outros, portanto as atrações culturais devem ser apresentadas de maneira inteligente e criativa, justificando a grande necessidade de alentar a diversidade cultural. Mc Intosh *et alli* (1999) citam algumas medidas tomadas para estimular e promover os elementos culturais no turismo:

- aplicar métodos e técnicas de fortalecimento de itinerário turístico, onde a visita aos museus e monumentos, em especial, estão entre os aspectos solicitados;
- melhorar o conteúdo educativo e cultural do turismo;
- conjugar atividades turísticas com eventos de interesse ge-

- ral (congressos ou reuniões podem ocorrer ao mesmo tempo das exposições e festivais);
- fomentar atividades educativas e culturais que se adaptem especialmente à baixa temporada turística.

As atividades turísticas se ajustam, por um lado, aos interesses dos viajantes e devem estar cada vez mais vinculadas a interesses de públicos específicos e, por outro lado, devem estimular e estruturar contatos sociais com famílias locais, evitando, entretanto, o risco do exagero e da artificialização. Lefebvre (1994), comentando a origem remota do turismo cultural, seu revigoramento nos anos 1960 e sua maior consolidação na década de 1980 do século XX, aponta uma aparente contradição motivada por duas razões principais: aumento espetacular e sem precedentes dos bens de consumo culturais em domicílio (vídeo, TV a cabo, internet) e a crescente expansão da rede de atividades ligadas ao turismo, com significativa ampliação da chamada galáxia do lazer. Dessas razões, comenta o autor, resulta um novo espaço/tempo cultural, e impõem-se novas práticas culturais, reunindo domínios até agora dissociados: o patrimônio e o espetáculo vivo exigindo até uma necessária convivência entre um lócus patrimonial e seu meio social. Festivais que se realizam em castelos e naves restauradas de igreja são exemplos vivos e recentes dessa nova forma de utilização do patrimônio. Azevedo (2002a) compartilha desta afirmação e reforça a idéia de que o turismo cultural está impondo formas atípicas de convivência, envolvendo recursos tecnológicos avançados, *shows* espetaculares, mas também exigindo autenticidade das manifestações.

Outro aspecto fortemente marcado na atualidade é o avanço da oferta cultural sobre a natureza e a vida rural, gerando várias interfaces entre o turismo cultural, entre o ecoturismo e o turismo rural. Seguindo esta afirmação, Azevedo (2002a) reforça a idéia de que o turismo por essência implica a busca de diferenças traçadas pela cultura, pelo patrimônio e pela natureza. Ao representar um dos veículos mais importantes de divulgação cultural e ambiental, o turismo emerge, ele próprio, como

instrumento de reafirmação da cultura e de patrimônios singulares, além de promover o interesse para ecossistemas naturais. Articula-se, por interconexidade, uma estreita relação entre cultura e meio ambiente, gerando uma interdependência de tipos de turismo desde sua concepção. Entretanto, em muitos enfoques, esta sinergia é desperdiçada porque, embora a interação das variáveis Cultura, do Patrimônio e da Natureza seja teoricamente factível, o que domina é a dissociação do conjunto em segmentos estanques e desarticulados. Segundo a autora, isso ocorre por várias razões:

- os bens e serviços culturais têm uma variedade grande de uso, que não os estritamente vinculados ao turismo. Não foram ou não são criados para fins turísticos exclusivamente;
- tais bens, sobretudo os especificamente patrimoniais, têm como proprietários e administradoras pessoas e/ou organismos que nem sempre demonstram interesse e às vezes até se opõem à manutenção de atividades turísticas ligadas a esse patrimônio;
- bens patrimoniais são consumidos com muito mais rapidez do que são construídos. No entanto, curiosamente, seu uso / desuso social muitas vezes é que condicionará sua própria sustentação;
- ainda não se logrou definir, com clareza, a relação de benefício mútuo entre atrativos de visitação e organização funcional de estruturas de apoio logístico em locais relativamente próximos;
- geralmente, o relacionamento entre atores e segmentos envolvidos nas áreas de cultura, patrimônio e turismo tem sido conflitante. No cotidiano, cultura e patrimônio aparecem mais ou menos conjugados, como matéria de estudo, enquanto turismo vem associado a mercado e lucro. Mesmo as linguagens diárias se distanciam. Como cultura, ressalta o valor intrínseco de patrimônio e identidade; turismo fala de destinação e atrativos;
- há uma questão recente funcionando em certa medida como complicador. Trata-se da dificuldade de conciliação entre megaeventos que se espalham sob a forma de grandes festi-

vais e a sustentação de autenticidade que vem sendo cada vez mais requerida como efetivo elemento diferencial no caso de projetos turísticos.

OS PILARES DO TURISMO CULTURAL: O ESPAÇO E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Segundo Azevedo (2002b), é do relacionamento estabelecido entre o homem e o meio que se vai construindo, caso a caso e em espaços geográficos diferentes, o esboço de um desenho, o delineamento de um perfil peculiar, que não se repete em outro contexto. Desses traços que se afirmam, emerge uma fisionomia singular que vai consolidando, de forma perceptível ou não, a identidade cultural. A autora continua reforçando a idéia de que neste momento, em que a cultura passa por transformações rápidas e cada novo padrão, à medida que vai sendo aceito por qualquer parte de sociedade, afasta outros originalmente tidos como universais ou especializados, resultando numa redução da área nuclear da cultura, e aí se corre o risco de descaracterização de um perfil cultural. E é isso que se pretende evitar quando se insiste em promover o turismo, atentando para as raízes, isto é, promovendo sua enraização.

A cultura é a causa principal da diversidade. Ela se manifesta, entre outros, no patrimônio cultural. Este patrimônio traduz especificidades e características singulares de uma localidade e contribui para a consolidação de uma identidade própria, que decorre da memória coletiva e pode ser marcada pelas diferenças.

Em razão de a atividade turística conferir uma maior visibilidade ao patrimônio cultural, é lógico deduzir que, conseqüentemente, o turismo contribui para a reafirmação de identidades locais, especialmente ao promover uma oferta diferenciada, essencialmente baseada em informações e representações decorrentes do resgate da memória da comunidade local.

O turismo também impulsiona a evolução do sistema cultural local, pois, ao promover o contato com outras

culturas, são evidenciados novos elementos culturais que podem ou não ser incorporados pela comunidade.

Importante realçar a contribuição do turismo cultural para o desenvolvimento endógeno da comunidade local. Por um lado, em razão da utilização do patrimônio local (incluindo a vivência humana) como bem de alto valor econômico, e, por outro lado, pelo estímulo às comunidades em termos de auto-estima, conforme ressalta Azevedo (2002a). Isso explica porque o turismo cultural vem sendo considerado como possível componente de sustentabilidade do processo de desenvolvimento, com duplo desdobramento: promovendo a preservação da memória histórica e atuando como elemento de continuidade que permite às comunidades se apropriarem do conhecimento de seus bens patrimoniais e perceberem o correspondente valor econômico.

As diferenças culturais materializadas pelo patrimônio material e imaterial constituem o grande atrativo para o desenvolvimento turístico local, uma vez que o turista cultural é especialmente motivado pela busca de conhecimento, descoberta do outro e vivência de novas experiências. Ao estimular o turismo em determinada localidade, se estabelece uma interação entre o setor turístico e comunidade, fundamentada, por um lado, no compromisso da comunidade em possibilitar ao visitante o uso de seus bens culturais e permitir a organizações de existir e trabalhar com o objetivo legítimo de produzir, e, por outro lado, na contribuição econômica e social para a comunidade local materializada pelo turismo.

Com relação ao valor de técnicas para a promoção do turismo cultural, podemos destacar a importância da interpretação do patrimônio e da história oral. Interpretar o patrimônio cultural ou natural é o processo que agrega valor na experiência do visitante que busca a compreensão, por meio de fornecimento de informações e representações que valorizem a história e as características culturais e naturais de um lugar. Tilde (1957) conceitua interpretação ambiental como uma atividade educacional que objetiva revelar significado e relações mediante a utilização de objetos originais, de expe-

riências de primeira mão e por meio de mídia ilustrativa, em vez de simplesmente comunicar informações fatuais.

Existe um estímulo ao entretenimento a partir do momento em que o visitante e a comunidade passam a conhecer melhor o patrimônio, acrescentando valor ou realçando a experiência de um lugar. Enquanto, a arte de apresentar lugares e expressões culturais, a interpretação, é elemento essencial na preservação e gestão do patrimônio, uma vez que educa, orienta o fluxo de visitantes, visando a proteção do objeto da visita. Segundo Morales (1998), a interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares em seu tempo livre.

Mc Intosh *et alli* (1999) citam Gabriel J.Cherem que propõe o termo turismo apropriado como turismo que surge da identidade do patrimônio de uma área, e na continuação define seus princípios:

- ajuda ativamente na perpetuação do patrimônio;
- ressalta e mostra a identidade patrimonial de uma área como única do mundo;
- baseia-se na aplicação de habilidades de interpretação do patrimônio;
- habilita os anfitriões locais para que interpretem seu próprio patrimônio aos hóspedes;
- cria orgulho nos anfitriões locais pelo seu patrimônio e melhora suas habilidades de relação com os hóspedes e serviços;
- ajuda a perpetuar o estilo de vida e os valores locais;
- habilita os anfitriões locais para que planejem e facilitem a seus visitantes experiências autênticas e significativas;
- é transcultural para que o anfitrião e o hóspede recebem uma experiência de enriquecimento que recompensa a ambos;
- apresenta uma programação que se pode aplicar em qualquer nível de desenvolvimento e praticamente em qualquer localização turística;
- representa um método de desenvolvimento turístico sustentável porque respeita o patrimônio de uma área e habilita seus habitantes gerando uma base verdadeira para o desenvolvimento.

Coincidentemente com a perspectiva de fortalecimento da ética turística, da busca de parcerias, da valorização do patrimônio, o mundo presencia certas tendências que se vão universalizando. O reconhecimento, nos meios acadêmicos, da história oral como método de pesquisa deverá ter repercussão importante na recuperação da memória, sobretudo dos povos ágrafos e de comunidades tradicionais que guardam e transmitem, através da oralidade, seus estilos de vida. Segundo Cassiano (1998), a história oral, por meio da memória reconstituída, pode contribuir para a reconstrução de práticas culturais de grupos que não têm acesso à escrita, para melhor entendimento do processo de aculturação e para recuperação de conhecimentos acumulados de segmentos nativos. Mesmo porque a oralidade, nas comunidades tradicionais, permanece como principal forma de transmissão do seu saber, do seu estilo de vida, da sua história. De forma conhecida, interpretada ou não, os povos, ao comporem sua trajetória, vão construindo um acervo peculiar, como se fosse seu próprio monumento, sua carteira de identidade. A releitura é oportunidade pertinente para rever a participação das comunidades tradicionais nesse processo e para verificar os mecanismos de que se têm valido, sobretudo por meio da oralidade, para sustentação, até hoje, de uma parte que seja, de seus estilos de vida, de suas crenças e de suas tradições.

Esse reenfoque pode, na prática, se tornar subsídio para encaminhamento de propostas turísticas com base local, reconhecendo nas comunidades tradicionais elementos da nacionalidade e não puro objeto de exotismo. Passo importante para evitar a artificialização e gerar uma ferramenta para o planejamento descentralizado.

O PARADOXO DO TURISMO

Existem vários conflitos na relação turismo cultural e desenvolvimento sustentável. O turismo, como setor econômico de peso, se diversifica e propõe cada vez mais produtos culturais, desde a visita a monumentos até o descobrimento

de modos de vida singulares. Este entusiasmo pode contribuir para a restauração do patrimônio e para a sobrevivência das tradições, mas um turismo descontrolado produz um efeito contrário. Daí o dilema do turismo cultural ser benéfico para quem o pratica e para seus anfitriões, mas o excesso de visitantes termina por degradar a cultura, até o ponto de fazê-la perder todo o atrativo.

Para Azevedo (2002a) a procura por manifestações culturais exóticas ou mesmo por patrimônios únicos está resultando em dilemas para o turismo cultural: tem-se, de um lado, a entrada de recursos, e, de outro, a possibilidade de verdadeiros atentados à cultura local, com as comunidades anfitriãs chegando a considerar que o poder de compra dos turistas representa uma ameaça à sua cultura e tradição.

Por um lado, os turistas se interessam cada vez mais, ainda que paguem caro, pelas experiências e pelos espetáculos culturais exóticos e quase sempre únicos em seu gênero. Por outro lado, sua presença tão-só pode atentar gravemente contra a cultura local: existe o risco de que esta seja reinventada essencialmente em função dos imperativos da indústria turística. O resultado não é satisfatório nem para as comunidades anfitriãs, que percebem o poder aquisitivo dos turistas como uma ameaça contra sua cultura e suas tradições, nem para os turistas, que, em lugar de percepções e experiências ricas e autênticas, obtêm uma encenação artificializada da tradição local.

O conflito entre o turista e o anfitrião também é patente. Surge, em parte, de uma diferença radical quanto ao objetivo perseguido: o primeiro se entrega a uma atividade de lazer, e o segundo trabalha. O turista chega com numerosas expectativas; as comunidades anfitriãs, às vezes, não têm a menor idéia do que podem esperar dos turistas. Outro conflito que se impõe no país de acolhida diz respeito aos promotores e organizadores de viagem da indústria turística internacional, em razão de sua capacidade de persuasão e seu poder econômico. O turista pode transformar as culturas locais em meros bens de consumo. Uma das causas deste con-

flito é que a mercantilização das culturas se inicia distante do território; estão reduzidas a folhetos que apresentam lugares idílicos e evocam culturas mediante textos superficiais. Os ingressos do turismo se destinam essencialmente ao mundo desenvolvido em que está situada a maioria das empresas turísticas. Outro nível de conflito situa-se nos diferentes objetivos de setores distintos daqueles que trabalham na indústria turística, como os agricultores, por exemplo.

Enfim, a perspectiva de ganhar divisas significativas, e rapidamente, seduz muito os governos que procuram fomentar o turismo. Entretanto, todos os esforços para promover o turismo cultural sustentável devem basear-se absolutamente em uma cooperação ativa com as culturas locais.

As definições podem divergir, porém um turismo cultural sustentável não somente reconhece o valor da diversidade cultural, senão que considera indispensável oferecer às culturas locais um fórum pelo qual possam participar das decisões que afetam seu futuro. Ou seja, as culturas anfitriãs devem estar em condições de dizer não ao turismo e, se o aprovam, de impor-lhes princípios e diretrizes. O reconhecimento dos direitos culturais, com a obrigação de respeitá-los e de protegê-los, é inerente ao desenvolvimento sustentável e deve ser também a idéia de turismo sustentável. Dotadas de terra, de recursos e de direitos de propriedade intelectual, as comunidades e culturas poderão não somente influir na orientação e no ritmo de desenvolvimento do turismo, senão também aceitá-lo ou rejeitá-lo.

Salvo algumas exceções, a indústria turística pode estimular a participação da comunidade local na administração dos recursos turísticos, ou associar a seus membros as decisões sobre o desenvolvimento desses recursos. Entretanto, o problema é que o que faz é para servir aos objetivos econômicos de suas empresas e ao sistema de valores dominante dos países que representa. Assim, construir um turismo sustentável sem considerar o marco de uma cooperação implica na possível rejeição inicial da atividade turística. É mais provável que, no marco de uma cooperação mais justa, seu

caráter, sua magnitude e seu desenvolvimento se adaptem às necessidades culturais da comunidade de acolhida. O verdadeiro desafio é instaurar mecanismos que façam participar as culturas locais e lhes transfiram o direito de decidir sobre o tipo e envergadura do turismo que desejam com suas limitações econômicas, ecológicas e culturais que não fixado.

CONCLUSÃO

Tais fluxos turísticos estão exigindo práticas diferenciadas, daí a importância de analisar suas potencialidades para programar investimentos, pois qualquer país que busque atrair turistas deve planejar, construir instalações e promover programas que convidem ao acesso a expressões culturais singulares.

Em muitos casos, o crescimento do turismo está afeto à deterioração física do ambiente ou do patrimônio, à discriminação de certos grupos sociais, à degradação ambiental, à deterioração urbana e a outros problemas. Entretanto, um desenvolvimento do turismo pautado pela responsabilidade social leva a um comprometimento desta atividade com a proteção ambiental, ao fomento de serviços sociais e à equidade de oportunidades de emprego, que se materializa com a produção de bens e serviços norteados pela sustentabilidade econômica, ambiental e social.

Referências

LEFEBVRE, A. Les ambiguïtés du tourisme culturel. In: NICOLAS, M. (Coord). *Le tourisme Culturel*. Paris: Ministère de la Culture et de la Francophonie. Direction de l'administration général. Département des Études et de la Prospective. Dossier Documentaire, n. 3, 1994.

AZEVEDO, J. Cultura, patrimônio e turismo. In: IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. *Turismo o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002a.

AZEVEDO, J. Turismo cultural: traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. In: IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. *Turismo o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002b.

CASSIANO, C. M. Cultura popular, tradição oral e as novas tecnologias no processo de transmissão cultural. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, 10, Rio de Janeiro. *Proceeding...* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea: FIOCRUZ/Casa de Osvaldo Cruz, 1998.

MC INTOSH et alli. *Turismo planeación y perspectivas*. 2. ed. México: Limusa Wiley, 1999.

MORALES, J. *Guía práctica para la interpretación del patrimonio*: el arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante. Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía y Tragsa, 1998.

TILDEN, F. *Interpreting our heritage*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1957.

Abstract: the uniqueness of the natural spaces and the cultural differences marked by the heritage build the cultural tourism pillars. The cultural tourism as much reaffirms the local identities as stimulate the evolution of the local cultural system. The tourism development should be limited by the environmental and social sustainability principles to ensure the preservation and the appropriation by the community of the heritage assets.

Key words: cultural tourism, cultural heritage, sustainability

* Doutora em Geografia Humana, concentração em Planejamento Turístico pela Universitat Autònoma de Barcelona – Espanha. Mestre em Sciences Naturelles et Ecodevelopment pela Université de Liège. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora no Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Professora no Programa de Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás. *E-mail*: Elianelopes@ucg.br